

Psicanálise e literatura

*Entrevista com Janine CHASSEGUET-SMIRGEL *
conduzida por JOSÉ GABRIEL PEREIRA BASTOS*

J. G. PEREIRA BASTOS — Pode falar-nos da sua evolução pessoal, que a levou a escrever, como psicanalista, os trabalhos publicados em *Pour une psychanalyse de l'art et de la créativité*, e dos seus trabalhos no campo da psicanálise aplicada à literatura posteriores a essa obra?

J. CHASSEGUET-SMIRGEL — A bem dizer, não creio que o que me levou a escrever acerca da arte esteja ligado a uma evolução pessoal, mas sim a opções fundamentais que permaneceram imutáveis desde o tempo em que «entrei em psicanálise». Estas opções estão relacionadas com o interesse pelo conjunto das manifestações da *psyché* do homem, tanto no campo sócio-cultural como no campo individual. As religiões, as instituições sociais, a arte, a literatura, as perversões, as ideologias, tudo isso me parece oferecer igual interesse para a compreensão da psicologia humana. É um artifício separar o estudo da patologia, na situação psicanalítica, do estudo dos fundamentos da moral, por exemplo. Freud tinha exactamente esta compreensão da psicanálise. No «Posfácio para a Questão da Psicanálise Leiga», Freud sublinhou que não existe por um lado a cura analítica e por outro a psicanálise aplicada, mas sim que existe por um lado a psicanálise enquanto

teoria científica e por outro lado as suas diversas aplicações, entre as quais o tratamento analítico. Tal como a Freud, interessa-me menos tratar do que compreender (o que não significa que os meus pacientes não me interessem, e que eu pense, como é de bom-tom nos dias que correm, que a finalidade terapêutica seja menos prezável. Mas isto é outra história).

Talvez possa dizer (já que a pergunta é bastante pessoal) que se a guerra me tivesse permitido fazer os meus estudos secundários de forma normal (certos acontecimentos levaram-me a mudar onze vezes de escola!) eu teria muito provavelmente preparado a Escola Normal Superior, secção de Letras. Em vez disso, porque era mais rápido e exigia menos conhecimentos clássicos (de que carecia devido ao carácter irregular dos meus estudos) tirei o curso de Ciências Políticas, os quais podia abordar sem dificuldade devido a uma cultura adquirida fora dos bancos da escola. Mas hoje em dia só concebo esses estudos como preliminares ao meu interesse pela psicanálise. Os artigos publicados no livro sobre a arte e a criatividade foram feitos ao longo de uns quinze anos e acompanharam o meu trabalho clínico de psicanalista. Este interesse pelas aplicações extraterapêuticas da análise persistiu de uma forma ou de outra. Por exemplo, quando escrevi sobre o «Ideal do Eu» illustrei uma das minhas teses com extractos do diário de Maria Baschkirt-

* Psicanalista. Vice-Presidente da Federação Europeia de Psicanálise e Presidente da Sociedade Psicanalítica de Paris.

seff. Aliás, o meu livro subintitula-se «ensaio sobre a doença da idealidade», o que é uma expressão de Mallarmé. Ou seja: a literatura está presente como pano-de-fundo do meu trabalho. Na última conferência da A.P.I., em Jerusalém, apresentei um estudo sobre Sade, o sadismo e as perversões, que retomei recentemente numa comunicação sobre «O corpo em Sade». Não sei se Sade poderá ser considerado um escritor, mas pelo menos escreve.

J. G. P. B. — Sinteticamente, qual é a situação da aplicação da psicanálise à produção literária e artística, nos últimos anos?

J. C.-S. — Francamente, acho que só poderei abordar a questão do ponto de vista francês, e mesmo assim...

Creio que a psicanálise impregnou o pensamento e a escrita em geral, e pode dizer-se que não há crítico literário ou cinematográfico que não se arrisque a fazer uma ou outra interpretação analítica. Nem sempre de forma feliz, aliás. Além disso, é fácil constatar que um filme como *L'esprit de la ruche*, de Victor Erice, que trata da descoberta da sexualidade numa menina e dos seus fantasmas sado-masoquistas, só deu lugar a vagas interpretações políticas (insistiu-se na descrição de uma família no tempo de Franco). Não se deu atenção ao facto de o fugitivo revolucionário ser — pelo menos é isso que nos é dado crer — um antigo amante da mãe. Sinal de que a resistência à psicanálise permanece intacta, sobretudo quando uma leitura ideológica pode tomar o lugar de uma interpretação do inconsciente.

Mais geralmente, a Universidade, onde a psicanálise é ensinada (em Letras e Ciências Humanas), assistiu ao florescimento de memórias e teses sobre a interpretação psicanalítica das obras literárias. Na sua maioria, os estudantes que fazem estes trabalhos não foram analisados, e, tanto quanto eu sei, os resultados não são nada brilhantes. Quanto aos analistas, os seus interesses por estes problemas distribuem-se de forma desigual. Os que se dedicam a este tipo de trabalhos continuam a ser movidos pelo desejo de compreender o autor através dos seus escritos, mas sem dúvida são hoje mais sensí-

veis à *transposição* de elementos da biografia para a obra, e às modificações que sofrem assim esses elementos. Parafrazeando Freud, o que os fascina é o salto misterioso dos acontecimentos da vida para a sua transcrição na obra.

J. G. P. B. — Pode situar-nos a *influência recíproca* entre a psicanálise, a linguística, o estruturalismo e a semiótica, no trabalho de procura do sentido?

J. C.-S. — Isso reconduz-me à sua primeira pergunta. Os psicanalistas, acabo de lho afirmar, afastam-se um pouco do método biográfico propriamente dito. O estruturalismo tem influência nisto, sem dúvida, se bem que um trabalho propriamente psicanalítico possa levar ao mesmo resultado (foi o meu caso com *L'Année dernière à Marienbad: une esthétique de l'achoppement*). Não tenho a impressão de que a influência das disciplinas de que me fala tenha ultrapassado este ponto. Mas é possível que me engane. O inverso talvez não seja verdade. Penso em Barthes, por exemplo, que utiliza conjuntamente algumas chaves — entre as quais a psicanálise — para decifrar as obras. Creio que, se o psicanalista deve estar atento às outras disciplinas, tem sem dúvida razão ao considerar, com Freud, que a psicanálise é uma ciência-piloto para compreender os fenómenos humanos (os quais mergulham as suas raízes no inconsciente). Podemos substituir isto pela linguística. Mas não estaremos então a afastar-nos da psicanálise?

RÉSUMÉ

Janine Chasseguet-Smirgel nous parle dans cet entretien de son intérêt pour la lecture psychanalytique des phénomènes culturels, en particulier la production littéraire. À son avis, cet intérêt est le même qu'on peut trouver chez Freud, qui ne faisait pas de distinction entre la psychanalyse thérapeutique et la psychanalyse appliquée mais entre la théorie psychanalytique et ses applications.

Chasseguet-Smirgel parle de la situation actuelle en France de ce champ d'application de la psychanalyse et fait rapidement référence aux influences réciproques entre la psychanalyse, le structuralisme, la sémiologie et la linguistique.